

PINDORAMA DESIGUAL

No dia 18 de janeiro, uma quarta-feira, volto da academia numa manhã cinzenta, as ruas sujas de entulho, restos de obras e lama depois das chuvas torrenciais que caem sobre a cidade neste janeiro, provocando estragos. Neste exato dia, há 95 anos, nascia meu pai numa fazenda das imediações de Franca e há 4 dias, nascia meu neto Estevão. Meu pai se foi, mas deixou exemplo, a vida segue perpetuada nas novas gerações, cada uma com seus problemas e desafios.

No dia anterior, li o relatório da ONG Oxfam informando que, no Brasil, os seis maiores bilionários concentram a mesma riqueza que mais de 50% da população (mais de cem milhões de pessoas). As seis pessoas mais ricas do Brasil são Jorge Paulo Lemann, Marcel Herrmann Telles e Carlos Alberto Sicupira, sócios da Ambev e donos de marcas como Budweiser, Burger King e Heinz, Joseph Safra, dono do banco Safra, Eduardo Saverin, cofundador do Facebook e João Roberto Marinho e seus irmãos, herdeiros do grupo Globolpista.

A Oxfam divulgou ainda que, no mundo, “oito bilionários acumulam a mesma riqueza que a metade mais pobre da população do planeta (3,6 bilhões de pessoas). O relatório da ONG critica o neoliberalismo, aponta a sonegação de impostos, uso de paraísos fiscais e o lobby como fatores que agravam a concentração de renda. Aponta-se ainda que um terço do patrimônio dos bilionários do mundo tem origem em riqueza herdada, enquanto 43% podem ser atribuídos ao favorecimento ou nepotismo e que 21 milhões de pessoas são trabalhadores forçados que geram cerca de US\$ 150 bilhões em lucros para empresas anualmente”.

Pois bem. Volto da academia e, próximo a minha casa, está a sede de uma meritória ONG local. Um grupo de seis ou sete homens trajando uniformes da prefeitura de Franca estão dando um trato nos jardins da entidade. Fico surpreso, embora deva ser legal tal procedimento. Talvez façam serviço voluntário (eram 8h30 da manhã). Mas na situação atual, quando há uma crise brutal de desemprego, epidemia de dengue, a Prefeitura dizendo que vai cortar isso e aquilo alegando insuficiência de recursos públicos, considero no mínimo inadequado que uma entidade cuja presidenta do conselho consultivo é a empresária Luiza Helena Trajano do poderoso grupo Magazine Luiza não gaste cem merréis para cuidar do seu próprio jardim sem onerar os cofres públicos.

Há quase cem anos, quando meu pai nasceu neste Pindorama, mulher não votava, não havia leis trabalhistas com direitos sociais mínimos nem previdência social ou serviços públicos de educação e saúde para todos. Mas já havia gente muito rica que pagava pouco imposto e que fazia lobby para seus próprios interesses. E muita, muita desigualdade social, que continua. As lutas dos trabalhadores mudaram alguma coisa. Mas, parece, pouco demais num país onde a simbiose entre poder econômico e poder político continuam intactas, a drenar recursos que deveriam atender prioritariamente os mais pobres.

Mauro Ferreira é arquiteto